

**ROTACISMO:
INTERFACE ENTRE A ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO
E OS FENÔMENOS LINGUÍSTICOS NA FALA
DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Silvio Nunes da Silva Júnior (UNEAL)
junnyornunes@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo teve como objeto de estudo o rotacismo, fenômeno linguístico ocasionado pela troca da fricativa R pela lateral L, e a teoria da análise da conversação, área da linguística que estuda toda e qualquer conversação causada por interação, onde, para isso utiliza o método de transcrição conversacional. A interface entre estas duas áreas dar-se pelo fato de ambas serem áreas de pesquisa que utilizam o controle das variáveis para alcançar resultados. Visto que a partir das transcrições conversacionais, as ocorrências de rotacismo tornam-se cada vez mais explícitas no decorrer de determinada pesquisa científica. Com isso, foram coletados dados de fala, contando com a colaboração de oito informantes, tomando como base as variáveis de sexo, idade e escolaridade. Foi possível constatar que as ocorrências passaram a ser mais frequentes quando foi realizada a análise da variável escolaridade, vista a grande diferença do número de ocorrências quando trabalhamos os níveis fundamental e superior de ensino. Este trabalho ancora-se em teóricos que atuam nas áreas dos fenômenos linguísticos, e da análise da conversação, que são eles, Bagno (2007); Binet (2012); Costa (2011); Guy & Zilles (2007); Marcuschi (2003); Ramilo & Freitas (2012); e Schiffrin (1994).

Palavras-chave: Rotacismo. Fenômenos linguísticos. Análise da conversação.

1. Introdução

Diante dos vários fenômenos linguísticos que ocorrem na língua portuguesa, especificamos o rotacismo, esta escolha foi provida por uma inquietação em relação a um fenômeno visto constantemente no dia-a-dia social, como é exposto nas sentenças a seguir:

- a. Eu acho que as *pranta* devia tá por ali.
- b. Não tinha tijolo de seis furos, aí eu fiz a parede de *broco*.

O que ocorre é a troca da fricativa R, pela lateral L, ou vice-versa, ocasionando no fenômeno linguístico citado.

Neste trabalho, descremos a experiência obtida a partir de uma pesquisa de campo realizada no município de Maribondo – AL, a qual objetivou em linhas gerais detectar ocorrências de rotacismo na conver-

sação dos informantes. A partir daí, começamos uma discussão sobre a teoria da análise da conversação, área da linguística que estuda qualquer realização de conversação desde que haja interação verbal ou não-verbal, e sobre os fenômenos linguísticos, enfatizando o que está sendo abordado, o rotacismo.

Sabemos que desde os primórdios da língua, os fenômenos linguísticos se fazem presentes particularmente no modo em que cada falante utiliza sua língua materna. Dentre estes fenômenos, o rotacismo se enquadra na classe de fenômenos mais realizados no português brasileiro.

Diante disso, propusemos uma análise de detecção de realizações de rotacismo na conversação dos indivíduos que servir-nos-ão de informantes, utilizando o método de transcrições conversacionais proposto pela análise da conversação.

No decorrer das análises foi possível constatar que o rotacismo ainda é um fenômeno realizado com frequência pelos falantes do português brasileiro, realizamos uma análise enfatizando o controle das variáveis de sexo, idade e escolaridade. Visto que a quantidade de realizações foram semelhantes quando tratamos de sexo masculino e feminino, subvertendo a ideia de que os homens realizam mais ocorrências de fenômenos linguísticos do que as mulheres.

Este artigo foi dividido em 3 tópicos que buscam esclarecer alguns questionamentos que possam surgir em relação ao conteúdo abordado, que são eles: fenômenos linguísticos, onde tratamos de uma maneira geral os fenômenos que ocorrem na língua, dando ênfase ao rotacismo; análise da conversação, por ser uma teoria que norteou o desenvolvimento do trabalho; e a análise dos dados, onde pode-se compreender através de gráficos, tudo o que foi afirmado no decorrer do trabalho.

2. Fenômenos linguísticos

Os fenômenos linguísticos são ocorrências de variações na história da língua, caracterizados, por exemplo, pelos termos utilizados em determinada época, sendo reconhecido oficialmente por uma determinada língua tempos depois.

As variações linguísticas são exemplos constantes de fenômenos linguísticos, tendo em vista os conceitos de heterogeneidade da língua, percebe-se que o histórico de mudanças da língua é muito extenso. Com-

parando o português falado há épocas atrás, com o que é falado agora, vai ser explícito número de diferenças ocorridas na fala de na escrita.

Primordialmente, os falantes possuíam uma linguagem mais voltada para as origens do país, no caso do Brasil, o português vindo de Portugal. Com o passar dos tempos, o português brasileiro sofreu modificações que formaram uma variação, melhor dizendo, um “jeito próprio de falar”, onde quando se tinha a norma padrão do português de Portugal, foi criada a norma padrão do português brasileiro que foi denominada pela gramática normativa, não permitindo considerar corretas algumas expressões criadas pelos falantes da língua.

Atualmente em nossa sociedade, é válido ressaltar a grande prática do preconceito linguístico, que nada mais é, do que um julgamento pré-concebido que pode causar os mesmos constrangimentos causados pela prática de outros tipos de preconceito, seja ele racial, sexual, social e etc.

Isto mostra definitivamente que os falantes da língua portuguesa, principalmente professores, não lidam como deveriam lidar com os fenômenos linguísticos, ou seja, não tem conhecimento de que aquelas ocorrências por eles consideradas *feias*, e *incômodas na audição*, são fenômenos linguísticos que devem ser aceitos, pois a língua está em constante modificação, e que estes termos hoje julgados, um dia podem ser considerados oficiais, deixando de lado o que hoje é considerado correto na sociedade.

O que também deve ser salientado, é que a utilização da forma hoje denominada padrão na língua portuguesa, não se faz meio de ascensão social. Como afirma Bagno (2007, p. 69)

Ora, se o domínio da norma culta fosse realmente um instrumento de ascensão na sociedade, os professores de português ocupariam o topo da pirâmide social, econômica e política do país, não é mesmo? Afinal, supostamente, ninguém melhor do que eles domina a norma culta. Só que a verdade está muito longe disso como bem sabemos nós, professores, a quem são pagos alguns dos salários mais obscenos de nossa sociedade. Por outro lado, um grande fazendeiro que tenha apenas alguns poucos anos de estudo primário, mas que seja dono de milhares de cabeças de gado, de indústrias agrícolas e detentor de grande influência política em sua região vai poder falar à vontade sua língua de “caipira” [...]

Vê-se utilizando a língua portuguesa em seu aspecto formal, simplesmente não determina classe social, nem posição de nenhum indivíduo na sociedade, pois os professores atuantes no ensino de língua ma-

terna dominam significativamente bem a língua. Visto isso, percebe-se que a valorização destes profissionais não é tão expansiva como deveria, onde se pode afirmar que a língua não é, e nunca será meio de ascensão social.

Os fenômenos linguísticos ocorridos na língua são estudados de maneira individual, ou seja, cada ocorrência é tida de forma diferente, e caracterizada por termos diferentes. O que iremos tratar a partir de agora, é o rotacismo, a troca do L pelo R na fala dos indivíduos.

2.1. Rotacismo

Quem nunca ouviu vagamente os termos *pranta*, *arface*, *praca*, ou até mesmo *broco*? Estes termos são vistos constantemente no dia-a-dia, e às vezes passam despercebidos em nossa rotina. O que não é de conhecimento de todos, é que estas ocorrências são rotacismos, pelo fato das mesmas chamarem atenção pela troca do L pelo R, ou vice-versa.

Para a realização do rotacismo, acontece a troca de uma vibrante líquida (r), por uma líquida lateral (l), muitas vezes deixando o termo com o mesmo sentido, e outras diferenciando o significado. Como afirma Costa (2011, p. 16)

No português brasileiro, a alternância entre as líquidas pode ocorrer em dois contextos silábicos: no ataque complexo, como, por exemplo, a realização de *brusa* ou *blusa*, ou na coda silábica, como, por exemplo, a realização de *purso* ou *pulso*. O fenômeno tem sido tradicionalmente descrito como a troca de um som lateral por um som vibrante.

As ocorrências de rotacismo são bastante encontradas na fala, muitas vezes sem a intenção, os falantes realizam a troca da lateral pela vibrante. O que não se pode afirmar, é que as realizações de rotacismo são realizadas por pessoas de menos escolaridade, ou até mesmo utilizando o termo preconceituoso “pessoas da roça”. Tendo em vista que para Bagno, a realização dos fenômenos da língua, não garante ascensão social de ninguém.

Uma das áreas que vêm abrangendo o rotacismo é a análise da conversação, por estudar a interação. A interação pode ser vista de várias formas como na fala, na língua de sinais etc., visto isso, o rotacismo é frequente na interação entre os indivíduos, o que resulta em uma junção de áreas linguísticas que abrangem um só fenômeno.

3. Análise da conversação

Todo ser humano realiza vários atos em seu dia a dia, como também possui algumas habilidades que são imprescindíveis no convívio social, entre elas está à conversação.

A conversação ocorre no dia-a-dia das pessoas, em várias formas, seja pela fala entre dois indivíduos, como também pela interação entre dois deficientes auditivos utilizando a linguagem de sinais, dentre outras formas. A análise da conversação busca em linhas gerais, estudar individualmente a conversação que acontece no dia-a-dia dos indivíduos, em todos os seus aspectos.

A análise da conversação começou a ser abordada nos estudos linguísticos nos anos 60, e foi trazida para o Brasil por Marcuschi 20 anos depois dos estudos serem aprofundados. De acordo com Pereira (2005), os estudos da conversação foram inicialmente influenciados pela antropologia cognitiva e pela etnometodologia. É viável destacar que com estas influências, a análise da conversação é vista explicitamente como uma área que estuda a conversação espontânea, objetivando desvendar o que norteia a conversação em geral, em seus mais diversos aspectos e denominações.

Os estudos conversacionais são realizados a partir de coletas de dados de fala, que são coletados por meio da constituição de um *corpus*. O *corpus* se caracteriza pela comprovação da pesquisa conversacional, e é coletado por meio de gravações de áudio e vídeo.

É imprescindível que o analista conversacional seja fiel ao *corpus* por ele coletado, pois o processo de análise de estudos conversacionais enfatiza tudo o que acontece durante a coleta de dados, seja de um movimento barulhento, até uma pausa dada pelo informante durante a conversação.

Para Schiffrin (1994), através da análise da conversação, podemos fazer as mais variadas inferências que sobre seus interlocutores, bem como compreender uma realidade social, suas idade, sexo e suas formas de produção da oralidade.

3.1. Transcrições conversacionais

Tendo em vista que a análise da conversação deriva de material empírico, onde são reproduzidas conversações reais, levando em conta

principalmente detalhes entonacionais, paralinguísticos e outros. Segundo Binet (2012), viu-se a necessidade de “transcrever, anotar e analisar gravações de interações conversacionais é o terreno iniciático da análise da conversação e da microetnografia. A formação inicial e avançada em análise da conversação assenta na prática da transcrição”.

As transcrições conversacionais são os dados que concretizam o *corpus* dos estudos da análise da conversação. É conceituada por expor tudo o que acontece na conversação, de um leve bocejo a uma pausa dada por um dos interlocutores.

Para o processo de transcrição conversacional, o pesquisador deve centrar-se individualmente no *corpus* coletado, pois é nele que irá conter tudo o que ocorreu durante a conversação, sendo assim, ponto principal no processo de transcrição conversacional.

Como foi colocado acima, as transcrições conversacionais abordam todas as ocorrências da conversação, para isso, são utilizados símbolos que representam as várias realizações presentes na conversação. Na tabela abaixo têm-se o Sistema de transcrição oral REDIP, adaptado de Ramilo & Freitas (2002).

Sistema de Transcrição Oral REDIP	
Símbolo	Ocorrência
,	Pausa sintática breve
.	Pausa sintática longa
eh (uma vez)	Hesitações e pausas preenchidas
...	Outras pausas, interrupções e reformulações
Hum (uma vez)	Acordos
?	Interrogação
!	Exclamação
a	Enunciados simultâneos
(...)	Sequências incompreensíveis
[...]	Cortes, interrupções na gravação e interrupções na transcrição.
L1, L2, L3...	Identificação dos locutores

4. Descrição e análise de dados

Após a coleta do *corpus* em forma de gravações de áudio, realizou-se criteriosas transcrições conversacionais a fim de investigarmos o fenômeno que objetivamos. A análise será apresentada em tópicos e conduzida aos resultados em gráficos, de acordo com o controle das variáveis em estudo.

Para apresentar as variáveis utilizadas nesta pesquisa, voltamos esta análise para o que Guy; Zilles (2007, p. 208) afirmam. “Outra prática comum é o pesquisador apresentar, também, antes da discussão detalhada dos resultados”.

No desenvolvimento desta pesquisa, buscamos dar ênfase a aspectos que nos levássemos aos resultados mais objetivos possíveis. Para isso, levamos em conta as seguintes variáveis:

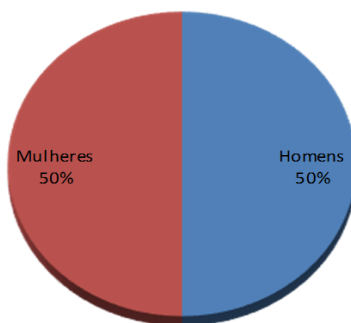
- a) **Sexo**
- b) **Idade**
- c) **Escolaridade**

4.1. Sexo

A variável sexo foi denominada em terceiro plano para esclarecer alguns questionamentos criados durante a constituição do *corpus*, ou seja, muito se tinha em mente que a diferença na porcentagem dos homens com a das mulheres seria imensa. Tendo em vista que a fala feminina é mais privilegiada de acordo com algumas pesquisas realizadas na área científica.

Podemos constatar de acordo com os primeiros resultados tidos com o *corpus*, que tanto os homens quanto as mulheres tendem a utilizar o rotacismo na conversação. Os resultados obtidos estão apresentados no gráfico a seguir.

Sexo

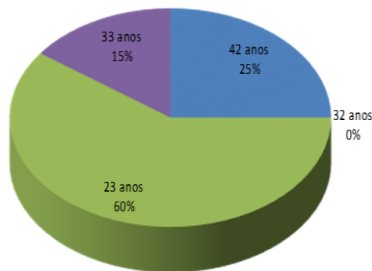


Este resultado mostra explicitamente que os homens e as mulheres que atuaram como informantes, em somatória obtiveram a mesma quantidade de ocorrências de rotacismo na conversação.

4.2. Idade

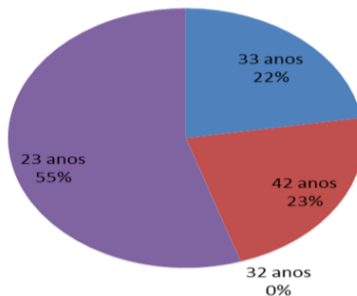
A variável idade foi a segunda a ser abordada, pois como foi visto acima, em relação a sexo os resultados foram igualitários. Com isso, apresentamos nos gráficos abaixo as porcentagens correspondentes às idades dos informantes homens e logo depois das mulheres.

Idade (homens)



Referindo-se aos homens, percebe-se que a idade influenciou bastante nos resultados, pois como tivemos informantes que realizaram um grande número de ocorrências, tivemos outros informantes que tiveram um número razoável de ocorrências, como também um dos quatro informantes não cometeu ocorrência alguma.

Idade (Mulheres)



No que diz respeito às ocorrências realizadas pelas mulheres, viu-se que duas das quatro informantes realizaram um número semelhante de ocorrências, uma das informantes realizou um grande número de ocorrências, como também, a última informante não cometeu nenhuma realização de rotacismo.

4.3. Escolaridade

A variável escolaridade foi abordada em terceiro plano, a fim de esclarecer alguns questionamentos que surgiram a partir dos resultados apresentados acima. Segue abaixo um gráfico apresentando os resultados correspondente a escolaridade.



Diante do exposto, pode-se ver que houve uma diferença significativa na porcentagem de ocorrências, quando diz respeito à escolaridade.

Como nosso objetivo foi detectar as ocorrências de rotacismo, realizar uma abordagem onde os informantes apresentavam variáveis de escolaridade, onde durante a análise do corpus, as diferenças foram visíveis quando se foi trabalhado com informantes do ensino fundamental e ensino superior.

5. Considerações finais

Um dos pontos principais nos quais levaram a produção deste artigo, foi a possível forma realizar uma junção de duas áreas da linguísticas até então distintas uma da outra.

Em primeiro plano, os fenômenos linguísticos eram o principal alvo da pesquisa que seria realizada, mas, a partir daí surgiu o questionamento de como seriam detectadas as diversas realizações do fenômeno linguístico escolhido.

Tendo em vista a grande expansão que os estudos linguísticos de *corpus* alcançaram, viu-se a necessidade de abordar uma área que expusesse as realizações do fenômeno de maneira clara e objetiva. Diante disso, a análise da conversação foi à área denominada para nortear a pesquisa, por ter como objeto de estudo a interação, ocasionada pela fala, utilizando o método das transcrições conversacionais.

O controle das variáveis serviu como base para a obtenção dos resultados, pois disseminando resultados em relação aos aspectos de sexo, idade e escolaridade, torna a pesquisa mais completa e objetiva, necessitando da elaboração de gráficos para a apresentação.

Com isso, percebe-se que o método de transcrições conversacionais pode nortear pesquisas não só dos fenômenos linguísticos, mas também, de tantas outras áreas que tem como objetivo o estudo da língua em geral, em seus mais variados aspectos e concepções, tendo em vista que os estudos da língua são inacabáveis, e ainda esperam por novas concepções e objetivos de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é como se faz*. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BINET, M. *A transcrição como teoria-em-reconstrução: a indução como prática metodológica*. Documento de trabalho do GIID nº 37. Lisboa: FCSH-UNL, 2012.

COSTA, Luciane Trennephol da. *Abordagem dinâmica do rotacismo*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística). – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

GUY, Gregory. R; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 2003.

RAMILO, M. C; FREITAS, T. A linguística e a linguagem dos média em

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Portugal: descrição do Projecto REDIP. *Actas do XIII Congresso Internacional da ALFAL*, 2002. Disponível em:

<<http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2002-redip-redip.pdf>>. Acesso em: 27-07-2014.

SCHIFFRIN, D. *Approach to discourse*. Cambridge: Blackwell, 1994.